

Ops!

(ou as trapalhadas imperdíveis de um Discípulo mentecapto - "estadista genial" - a mando de seu Mestre)

Valter Nilton Felix

Era uma vez...o Mestre e seu Discípulo.

O Mestre, falante, oratória perfeita, cabelo bem assentado, roupas caras e apumadas, carinha de bom moço, um pouco arrogante, é verdade, mas figura daquelas que se intitulam grandes gestores, embora tenham ganho fortuna com merchandising e lobbies. Não à toa fez carreira política meteórica, ganhando apoio incondicional de velhas raposas políticas, que às vezes se descuidam e confiam cegamente naqueles que certamente as trairão. Talvez gostem de viver perigosamente ou sejam vítimas tardias de algum anestésico inalado há muito, muito tempo atrás.

O Discípulo, diferente, desleixado, cabelos estranhos, quando os tinha, roupas mal combinadas, ventre protuberante, no passado, hoje com barriga negativa, decorrente primeiro de operação bariátrica, depois, infelizmente, de doença cruel. Fala hesitante, palavras balbuciadas e inseguras. Entretanto, mantém-se empertigado, mais ou menos, com nome político pomposo e carreira nem tanto. Passagem inespecífica e insípida pelos primeiros degraus da carreira e com cargo executivo que lhe caiu no colo por conveniências partidárias. Sabe aquele suplente de deputado que é alçado por votos de legenda e de repente herda o cargo por deslocamento do titular, e aquele vice que não incomoda e que subitamente vira estadista por salto do titular para concorrer a posto de maior expressão? Pois é...

Por força destas e de outras, tem-se o Mestre guindado a posto máximo do Estado federativo e o Discípulo a chefe executivo do seu maior município e tudo transcorre como um sonho encantado de fartura e poder. Ops, um vírus! Mas que diabos! Não se prestou atenção à estrutura da saúde! Havia tantas outras coisas mais visíveis planejadas para o momento oportuno, afinal novas eleições viriam e haveria inebriantes holofotes à espera das inaugurações...

Que fazer agora? O Presidente da Federação entra em pânico e antevê a desgraça econômica, mas, pressionado por todos os lados, declara rapidamente estado de calamidade. Seguem-se declarações pouco polidas, das quais todos tentam aproveitar-se, pois é o momento certo de desestabilizá-lo e o

comandante em risco, ao debater-se, tende a distribuir benesses que não seriam concedidas em situação de calma.

Melhor ainda para os Estados federados, que recebem auxílios financeiros polpudos para agir em medidas emergenciais, muito pouco fiscalizadas num primeiro momento.

Então vamos a entrevistas coletivas dramáticas e teatrais, especialidade do Mestre, ainda mais apoiado por desespero internacional semeado por instituições incompetentes e eivadas de influências pelo menos estranhas, cuja eficiência nunca fora comprovada, e que agora se mostram totalmente inúteis, embora recebam verbas astronômicas, provavelmente de extinção certa em futuro próximo.

Então, as coletivas...ah, que deleite de distribuição de pavor e terrorismo...as pessoas cada vez mais desesperadas não têm alternativa que não atender de pronto aos insistentes mandos de isolamento social. Fiquem nas suas casas! Temos que salvar vidas! O sistema público de saúde não vai suprir a demanda! Covas, ops!, são abertas a granel nos cemitérios, aguardando o pior dos cenários, para já.

As pessoas isolam-se em casa e os atritos são inevitáveis. O Austregésilo que odiava o hipocorístico Auau (da mamãe, é claro), que fora espalhado aos amigos de infância, que ligavam e latiam ao telefone, deixando-o indignado, pensou em sexo selvagem e mais frequente (não mensal) com Amélia, mulata, ops!, afrodescendente de tom mais claro de pele, de curvas provocantes, boca sedutora, olhar "ai meu Deus", mas que regulava até não mais poder, chantageava o coitado até lhe doerem as vísceras, mas que valia a pena a cada gemido, sabe Deus se verdadeiro. Não contava o infeliz com a depressão, mal maior dos enclausurados, e toma jejum...

Os noticiários infernizavam e o termo ciência era vilipendiado a todo momento. Solertes desconhecidos surgiam do nada para pregar pseudoconhecimentos baseados na coitada da ciência. Especialistas eram gerados nas redes sociais e nos meios televisivos, e as barbaridades não cessavam. A droga era tenebrosa ou milagrosa num piscar d'olhos. A vacina era buscada incessantemente, mas não faltavam os que diziam que o contato com o vírus não imunizava, ops. Que diabos, o ar transmitia, ou não... o vírus permanecia vivo 72h no papel, ou não...A máscara virou uniforme e cada uma de mau gosto maior que outra, palhacinhos à vista.

O povo começava a se desesperar com o isolamento social e as escapadas tornaram-se frequentes, mesmo porque começou a faltar pão à mesa. O Mestre teve ideia genial e mandou o Discípulo efetuar bloqueio nas grandes avenidas que convergiam para o centro urbano. Nenhuma surpresa ocorreu. Os congestionamentos foram monstruosos e as ambulâncias em meio a eles. Dois dias depois, violenta reprimenda: "Seu burro, o que você mandou fazer? Olha_a merda que você..., ops..._Suspende isso!"

O monitoramento dos celulares continuava e os índices de movimentação aumentavam, na mesma intensidade da histeria da Ercília, que não se conformava com a invasão de privacidade e com as insistentes ligações da Secretaria Estadual, querendo explicações da sua inquietação, bem ela, que ia e voltava de serviços de saúde...ai que ódio!

O Mestre já não tinha assunto nas coletivas e nova ideia brilhante brotou-lhe à cabeça. "Discípulo, intensifique o rodízio dos automóveis, um dia para as placas pares e outro para as ímpares, alternadamente". Dito e feito. O transporte público ficou ainda mais intumescido e os índices de contágio aumentaram.

Mais seis dias e tome bronca: "Imbecil, suspende essa droga que você fez!". E lá se foi outra medida estúpida pelo ralo. Volta o rodízio convencional. O pior é que aquele radialista, Danojo, Datédio, Danãoseioquê aplaudia: "O Discípulo é um grande estadista, pois é capaz de desfazer rapidamente o que não funciona", ops...não seria melhor deixar de fazer trapalhada de resultado óbvio?

A confusão era tão grande que o Jonas, aquele setentão atlético e bem-apegado, orgulhoso de sua virilidade natural, trocou o Viagra pela hidroxicloroquina, que havia comprado para uma necessidade, sabe como é... o problema é que era casado com Mercedes, argentina ferosa e de muito pequena paciência. Tomou um bufo e um desdém e ofendeu-se. A discussão chegou às vias de fato e a troca de tiros, mas graças a Deus haviam feito curso de habilitação para uso de armas de fogo pela Internet. Destruíram a casa toda, é verdade, até os cristais de Praga, a jarra de Murano, as estatuetas gregas, a pintura de Tarsila, mas nem se arranharam. A polícia levou-os incólumes à delegacia.

O Mestre era pressionado pelo setor econômico a afrouxar o isolamento e já não sabia o que fazer, mas o Discípulo era fantástico bode expiatório e dá-lhe invenção: "Antecipe os próximos feriados, menos o Natal, afinal o Senhor pode não gostar de mudar sua data de aniversário". Então o rodízio convencional

está automaticamente suspenso...e a movimentação aumenta, mesmo porque os bancos não respeitaram os feriados, o que significa que não há feriados, mas afinal, já que são teoricamente feriados, todos saíram a passear. "Bloqueie os acessos à praia" vociferava o Mestre. E tome congestionamento e, a seguir, nova desqualificação moral. Como gosta de apanhar o tontinho do Discípulo.

A confusão era tão grande que cachorro estava levando dono a passear. Austregésilo e Mercedes estavam na fila do supermercado. Um cachorro latiu ao longe e parecia escárnio da Mercedes, que nem o conhecia, mas não levava desaforo para casa. A discussão não demorou a gerar bofetadas e queda de algumas prateleiras. Polícia e delegacia de novo. Desta vez Mercedes dormiu lá.

Era hora de afrouxar o isolamento, apesar de finalmente o estágio máximo de contaminação ter sido alcançado, ninguém mais tinha paciência ou reserva financeira...As saudades das amantes endividadas era o mais grave, ou seria a intolerância do mesmo de novo? Já chegava de webcam e de webinar ou de web qualquer coisa. O Mestre convocou o Discípulo e lá vem: "Criei quatro fases de liberação, por classificação de estabelecimentos, mas os protocolos sanitários são por sua conta. Veja lá!". O Discípulo, atônito: "Baseio-me em quê, só nas propinas?", sem obter qualquer resposta.

E tudo foi sendo normalizado, lentamente, à moda da casa, até que, certo dia ensolarado, todos se libertaram de vez, ignorando os assustadores índices de contaminação que iam e vinham. As festas e as viagens voltaram, as fofocas de Internet, as reportagens da Caras, as torcidas uniformizadas nos campos, e não nas ruas, as páginas policiais repletas, a conturbação política, a de sempre, os racistas e os antirracistas de ocasião, os bandidos e os mocinhos, tudo retornou...e o vírus? ops, que vírus? O que viralizou mesmo foram as convocações das CPIs e dos Tribunais de Contas aos governantes que conduziram os gastos públicos durante a pandemia

O pior foi ter que aturar o Presidente: "Eu não disse que era uma gripezinha?"